

Os discursos antagônicos que constituem Jair Bolsonaro e a OMS no decorrer da Covid-19

The antagonical speech that constitutes Jair Bolsonaro and the WHO during Covid-19

Willamis de Santana Alves*

* Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
e-mail: willamissantana63@gmail.com

Resumo: Este estudo, de cunho teórico-analítico, é ancorado à Análise de Discurso de perspectiva pecheutiana e busca identificar como os discursos que constituem o sujeito presidente Jair Bolsonaro e a Organização Mundial de Saúde (OMS) significam a Covid-19. Para tanto, debruçamos de teorias de Pêcheux (1995; 1997; 1999), Ferreira (2000; 2001; 2007), Orlandi (2000). Nosso dispositivo analítico é o Facebook devido a sua grande acessibilidade, e as Fanpages que constroem nossos corpora são a do G1 (Portal de Notícias do Grupo Globo), a do Jornal Nacional, a do R7 Notícias e a do El País Brasil. As materialidades analisadas foram publicadas na rede no período de março 2020 a março de 2021, momento em que circulavam sentidos de confronto entre o sujeito presidente e a OMS. Nossas análises levam a efeitos de sentido de que há um antagonismo entre os discursos que constituem o sujeito presidente e a OMS. Assim, a imagem do Jair Bolsonaro é construída, no Facebook, a partir de formações imaginárias que se distanciam das construções sócio-históricas para um presidente na formação discursiva governamental de esquerda.

Palavras-chave: Covid-19. Jair Bolsonaro. OMS.

Abstract: This theoretical-analytical study is anchored to Discourse Analysis from a Pecheutian perspective and seeks to identify how the discourses that constitute the subject President Jair Bolsonaro and the World Health Organization (WHO) signify Covid-19. To do so, we focus on the theories of Pêcheux (1995; 1997; 1999), Ferreira (2000; 2001; 2007), Orlandi (2000). Our analytical device is Facebook due to its great accessibility, and the Fanpages that build our corpora are those of G1 (Grupo Globo News Portal), Jornal Nacional, R7 Notícias and El País Brasil. The analyzed materialities were published on the network from March 2020 to March 2021, when feelings of confrontation between the president and the WHO circulated. Our analyzes lead to the effects of meaning that there is an antagonism between the discourses that constitute the presiding subject and the WHO. Thus, the image of Jair Bolsonaro is built, on Facebook, from imaginary formations that distance themselves from the socio-historical constructions for a president in the governmental discursive formation of the left.

Key words: Covid-19. Jair Bolsonaro. WHO.

INTRODUÇÃO

Tomando como base a conjuntura político-sanitária no Brasil no que se refere à Covid-19, este artigo desenvolve um trabalho teórico-analítico, no interior da Análise de Discurso (doravante AD) de perspectiva pecheutiana, acerca dos discursos que constituem a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o presidente Jair Messias Bolsonaro (PL) no decorrer da pandemia.

De acordo com o G1, no Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi identificado em 26 de fevereiro de 2020 pelo Ministério da Saúde e, até 05 de março de 2021, data na qual foi publicada a última materialidade que compõe nosso *corpus*, foram contabilizados 10.871.843 infectados e 262.948 óbitos. Posto isso, a mídia é afetada pela conjuntura pandêmica e se constitui de discursos, em páginas do *Facebook*, acerca da doença e das ações preventivas que constituem o governo federal e a OMS, o que faz circular sentidos.

Diante do exposto, surgiu o presente questionamento: quais sentidos operam os discursos que constituem o sujeito presidente e a OMS no decorrer da Covid-19? Objetivamente, este estudo busca identificar, por meio da Análise de Discurso de perspectiva pecheutiana, como esses discursos significam a doença.

A justificativa desta pesquisa se dá por conta de diversas discursividades circularem no *Facebook* acerca dessa conjuntura que afetou o país. Em situações como essa, o posicionamento de um líder governamental é relevante e deve ser construído com ética e responsabilidade, pois, em situações emergenciais desse tipo, o sujeito político tem a função de orientar a população e construir ações de medidas restritivas.

Desenvolvemos este artigo à baila da Análise do Discurso de perspectiva pecheutiana, a qual, conforme Ferreira (2001, p. 11), permite-nos “trabalhar em busca dos processos de produção de sentido e de suas determinações histórico-sociais”. Para tanto, caracterizamos nossa pesquisa como qualitativa, visto que leva em consideração a interpretação de um fenômeno e a atribuição de significados sobre ele (Prodanov; Freitas, 2013). Tendo em vista esse tipo de abordagem, o estudo em questão se constituiu de

procedimento bibliográfico, que, segundo Gil (2002), é baseado em materiais já publicados, tais como: livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos, além de discos, fitas magnéticas, CDs e materiais disponibilizados na internet.

Selecionamos o *Facebook* como nosso dispositivo analítico devido a sua grande acessibilidade. Segundo Kirkpatrick (2011), ela é a rede social digital que mais possui usuários ativos e está cada vez mais incorporada à vida e à cultura social, pois se tornou corriqueiro ouvir-se a palavra “*Facebook*” na contemporaneidade. Desse modo, tal mídia é muito utilizada e possibilita aos seus usuários o entretenimento e a circulação de questionamentos.

Para construirmos nossos *corpora*, fizemos uma pesquisa no *Facebook* em 12 de março de 2021. Utilizamos como filtro de pesquisa o seguinte termo: “páginas de notícias”. A partir deste descritor, encontramos um imenso número de *Fanpages*, por isso fizemos um recorte que levou em consideração as três páginas que havia o maior número de seguidores e a que havia o menor entre o grupo de 1 milhão.

As *Fanpages* que constroem nossos *corpora* são a do G1 (Portal de Notícias do Grupo Globo), a do Jornal Nacional, a do R7 Notícias e a do El País Brasil. As materialidades selecionadas, obedecendo às que tinham o maior número de curtidas e que estavam relacionadas à temática, foram publicadas na mídia no período de março 2020 a março de 2021, momento em que circulavam sentidos de confronto entre o presidente e a OMS.

Nosso trabalho está dividido em dois momentos: um teórico e um analítico. No teórico, fazemos considerações acerca da AD, em que apontamos categorias que são trabalhadas em nosso capítulo analítico, como sujeito, ideologia, condições de produção, formações imaginárias, memória, interdiscurso, Formação Discursiva (doravante FD).

No capítulo analítico, buscamos analisar quais sentidos afetam o sujeito presidente e a OMS para significar a Covid-19. Por fim, nossas análises levam a efeitos de sentido de que há um antagonismo entre os discursos que constituem o sujeito presidente e a OMS. Assim, a imagem do Jair Bolsonaro é construída, no *Facebook*, a partir de

formações imaginárias que se distanciam das construções sócio-históricas para um presidente na formação discursiva governamental de esquerda.

O DISPOSITIVO TEÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO

De acordo com Ferreira (2007), Michel Pêcheux inicia seus estudos em AD na França na década de 1960, época que coincide com o auge do estruturalismo como paradigma de formatação do mundo, em que sempre houve a deliberada exclusão do sujeito e uma língua objetivada e padronizada. A AD nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora que visa combater essa estruturação formalista (FERREIRA, 2007), pois ela se constitui de uma ruptura do aspecto formal e categorizador de considerar a linguagem, o sujeito e a língua.

Desse modo, esse campo do saber abre um leque de questões no interior da própria linguística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos modos de significar a língua, a historicidade e o sujeito, deixados à margem pelas correntes estruturalistas (Ferreira, 2007). Nesse sentido, há uma preocupação em pluralizar as formas de significar a língua, o sujeito e os sentidos, postos que eles deixam de ser considerados enquanto únicos e passam ser considerados enquanto heterogêneos e histórico-sociais. Cabe ressaltar que, no âmbito da AD, “a história tem relação direta com o sentido e nada a ver com a evolução ou cronologia” (Ferreira, 2000, p. 29).

Afastando-se das teorias estruturalistas por elas descartarem os estudos do sujeito e da Pragmática por considerá-lo enquanto psicológico e intencional, a AD pecheutiana se constitui de um sujeito inconsciente, que também é interpelado pela ideologia. Essa interpelação ideológica do sujeito, Pêcheux vai buscar em Althusser que, conforme esse marxista:

A ideologia sempre já interpelou os indivíduos como sujeitos, o que nos leva a precisar que os indivíduos são sempre já interpelados pela ideologia como sujeitos, e nos conduz necessariamente a última proposição: os indivíduos são sempre já sujeitos (Althusser, 1970, p. 102).

Dessa forma, Althusser (1970) retrata que a prática da linguagem só existe através e sob uma ideologia. Não existe sujeito sem linguagem, tampouco sujeito sem ideologia. Assim, a prática da linguagem se dá pela constituição ideológica do sujeito, posto que não há sujeito fora da ideologia, a não ser que esteja fora da sociedade. A partir dessa abordagem marxista, Pêcheux (1995) retrata que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos falantes, sujeitos de seu discurso. Além disso, Pêcheux (1995) retrata que o sujeito se constitui pelo esquecimento, isto é, o sujeito funciona pelo inconsciente.

Diante disso, os estudos pecheutianos não consideram os protagonistas do discurso como indivíduos, mas sim como sujeitos que ocupam uma posição dada determinada pela estrutura social. Essa determinação cria em nosso imaginário, que é um produto social resultado das relações entre poder e sentidos, uma imagem que cada um faz de seu próprio lugar e do lugar do outro.

Assim, em nosso imaginário, há uma construção social dada do que é ser presidente, por exemplo, e isso é efeito ideológico. Para Pêcheux (1997), os processos discursivos funcionam por uma série de formulações imaginárias na estrutura de uma formação social que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro. Nesse sentido, o sujeito é afetado pelo seu lugar de fala. Esses lugares determinados são parte das condições de produção, pois, para Pêcheux (1997, p. 75), “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”, as quais são definidas por ele como “as circunstâncias de um discurso”.

Ao estudarmos categorias como sujeito, formações imaginárias e condições de produção, vimos que o sujeito significa e é significado a partir de uma posição específica, porém ele esquece que fala desse lugar. Assim, ele é afetado pelo inconsciente e tem a ilusão de ser a origem daquilo que diz, mas, como bem afirma Orlandi (2000), os dizeres já existem antes mesmo de os indivíduos nascerem e são retomados através da memória. Para tal autora, o discurso não é algo inédito, ele é assujeitado à memória discursiva. O sujeito enuncia a partir de algo “já-dito” em outro lugar.

Ainda de acordo com Orlandi (2000), essa retomada é parte de um processo em que há um jogo entre a formulação que é a atualidade do dizer e a constituição - a memória do dizer. Assim, os sujeitos são tomados pelos discursos e pela memória discursiva, mas sem controle disso. Apesar de o sujeito ser afetado pela memória, ela não deve ser considerada como uma esfera plena, cujo conteúdo teria sentido homogêneo, acumulado ao modo reservatório. A memória é um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamento, de retomadas, de conflitos e de regularização. Assim, ela está sujeita a desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (Pêcheux, 1999).

Dessa forma, quando chegamos ao mundo, já há um simbólico construído. Pelo fato de o sujeito se considerar enquanto origem do dizer, ele tem a ilusão de que o sentido nasce ali, um sentido que não tem história. Contudo, os sentidos já estão postos num contexto sócio-histórico-ideológico e sempre passam por um processo de reformulação. Como bem afirma Ferreira (2000), para tal autora:

É frequente se operar uma elisão no caráter material da língua. O sentido das palavras, dos enunciados, das proposições aparece como se já estivesse dado, cabendo ao sujeito adequá-lo ao seu dizer. Cria-se, assim, a ilusão de um sentido desprovido de história e de um sujeito como origem de si próprio. Temos aí, em decorrência do “efeito de evidência da língua”, o surgimento de mais duas: a evidência do sentido (que faz com que uma palavra queira dizer o que realmente diz) e a evidência do sujeito (que se mostra como tendo existência espontânea) (Ferreira, 2000, p. 21).

O sentido não está em si mesmo, como algumas teorias estruturalistas apontam. Ele não é exclusivamente linguístico, mas sim determinado pela posição ideológica inserida em um contexto sócio-histórico no qual as palavras são produzidas, ou seja, o sentido das palavras, expressões e proposições mantém relação com uma exterioridade e depende das condições sócio-históricas de produção, filiando-se em diferentes formações discursivas.

O conceito de formação discursiva de Pêcheux surge a partir de Foucault. Contudo, Pêcheux parte dessa perspectiva, mas a leva a outras dimensões, relacionando-

a a questões de ideologia e de luta de classes. Para Foucault (1986), as formações discursivas são um sistema de regularidade e de dispersão. Pêcheux (1995) parte dessa abordagem, mas a reconfigura. Para tal autor, as FDs são um deslocamento em direção aos efeitos do momento da conjuntura e do acontecimento. Assim, elas não são algo pronto e acabado, por isso ele as considera como um deslocamento, cujo sentido parte a partir das condições sócio-históricas de produção nas quais o sujeito do discurso se situa ao enunciar. Na próxima seção, podemos compreender quais sentidos afetam o sujeito presidente e a OMS para significar a pandemia.

O ANTAGONISMO QUE AFETA O SUJEITO PRESIDENTE E A OMS

Em 11 de março de 2020, considerando a crise sanitária que o mundo é atravessado, com um nível elevado de contaminação, a OMS, ocupando a posição de organização que cuida de questões da saúde global, significa o coronavírus enquanto pandemia, como podemos identificar a seguir na manchete da notícia “OMS classifica coronavírus como pandemia”.

Figura 1



Fonte: <<https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/2996555613737702>>. Acesso em: 12 mar.2021.

Há, nessa manchete, o atravessamento de formações discursivas da ciência e da epidemiologia que operam sentidos para as práticas sociais, tais como: o uso de máscara, a necessidade do isolamento social e o uso de álcool em gel. Essas materialidades que se identificam com as formações discursivas da ciência e da epidemiologia podem evitar a propagação do vírus.

Assim, os sujeitos são afetados por um acontecimento político-discursivo, a pandemia, que pode ser considerado “como a exterioridade que não está fora e que representa o lugar de ruptura com os sentidos estabelecidos” (Ferreira, 2007, p. 20). Desse modo, nesse acontecimento, há uma ruptura presente, os sujeitos serão migrados a novos comportamentos, fazendo possível operar outros sentidos. Assim, uma nova rede de sentido irá emergir.

Nas formações imaginárias para um presidente constituído pela FD de esquerda, ele, enquanto maior hierarquia de um país, deve atender às recomendações de uma instituição global de saúde e criar medidas sanitárias para a não-propagação da doença, assegurando o bem-estar da população, como é determinado pela Constituição Federal de 1988. Contudo, como podemos analisar, na próxima materialidade, a mídia constrói um sujeito presidente que se constitui de formações ideológicas opostas à OMS na forma de significar a pandemia.

Figura 2



Fonte:<<https://www.facebook.com/g1/posts/3752188164833241>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Essa materialidade, publicada na mídia após OMS declarar pandemia, leva-nos a efeitos de sentido de que há um sujeito inscrito na posição de presidente, o qual é afetado pelo discurso adverso ao que constitui a OMS, que significa a Covid-19 como algo comum, como na discursividade “outras gripes mataram mais”.

Assim, o referido presidente é afetado pela ideologia que vai de encontro à OMS e minimiza a pandemia, o que nos leva a considerar que o presidente do país se contrapõe aos especialistas em saúde que se constituem das formações discursivas que defendem a necessidade de medidas restritivas no combate à doença. Há aqui, desse modo, o discurso do mau sujeito que, conforme Pêcheux (1995), é aquele que se contrapõe ao sujeito universal. Nesse sentido, a materialidade se constitui de um sujeito que se contraidentifica com as formações discursivas da ciência e da epidemiologia que circulam na pandemia para defender as medidas de restrição contra o vírus.

Além disso, podemos observar também que a pandemia está sendo governada pela matematização, pois há uma preocupação com o número de infectados e de mortos que,

até então, são preocupantes, como no enunciado “no mundo, foram registrados mais de 118 mil casos em 114 países, com 4291 mortes – um índice de mortalidade de 3,5% dos infectados”. Essa discursividade matemática é relevante em todo acontecimento, pois revela a realidade da doença e produz o efeito do medo, significando a Covid-19 enquanto “contagiosa” e “fatal”. Isso faz circular sentidos de medidas restritivas para a não disseminação da doença. Contudo, veremos na figura 03, que, mais uma vez, Jair Bolsonaro é afetado pela ideologia que se contrapõe a esse discurso do medo e da restrição.

Figura 3



Fonte: <<https://www.facebook.com/JornalNacional/posts/2840572906033077>>. Acesso em: 12mar. 2021.

Na materialidade acima, observamos que Bolsonaro é afetado pela ideologia oposta à que constitui a OMS, operando sentidos de descumprimento de normas preventivas estabelecidas e de despreocupação com a Covid-19. Tal fato pode ser

identificado na falta de uso da máscara entre ele e os aliados que o acompanham, como também no aperto de mão, já que são práticas não recomendadas pelas formações discursivas sanitárias que constituem a OMS.

Assim, podemos observar que há na mídia efeitos de sentido de conflito entre os discursos que constituem Jair Bolsonaro e a OMS. Isso significa o presidente enquanto um sujeito que descumpra as orientações dessa Organização, como em “uma declaração na contramão do que atestam especialistas e líderes mundiais”. Esse antagonismo também pode ser identificado na discursividade enunciada pelo presidente que a “Covid-19 não deve ser superdimensionada”. Essa adversidade às formações discursivas sanitárias que constitui o sujeito presidente acarretou um impacto político-social que gerou manifestações, como veremos na próxima materialidade.

Figura 4



Fonte: <<https://www.facebook.com/elpaisbrasil/posts/3046710798722183>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Há, nesta materialidade, a propagação do discurso de confronto entre Jair Bolsonaro e a OMS, em “presidente distorceu fala de diretor-geral da OMS”. Desse modo, o sujeito inscrito na posição de presidente é afetado pelo discurso da adversidade ao isolamento social, que apaga os valores científico-sanitários ao desconsiderar o isolamento social como uma ação para a não disseminação da Covid-19.

Esse antagonismo que constitui o presidente rompe com uma memória que valida discursos em formações discursivas da ciência e da epidemiologia frente a uma pandemia, o que produz uma desregulação de sentidos preexistentes para a posição de presidente. Tal fato constrói um acontecimento, “panelaços soaram em várias cidades brasileiras”, uma manifestação que opera efeitos de revolta e manifestação contra os discursos que constituem o sujeito presidente diante à pandemia.

Outras materialidades discursivas que chamam atenção na figura 04 são o uso dos *emojis*, que partem das condições de produção específicas do *Facebook*, em que pudemos notar a representação do ódio e dos risos dos usuários da rede, que pode significar uma insatisfação dos usuários frente aos discursos que constituem o sujeito presidente. Há também na materialidade um grande número de comentários e de compartilhamentos, havendo, assim, uma viralização de sentidos na rede frente à pandemia. Diante de tais fatos, o número de óbitos no país não parava de crescer, como veremos na figura 05.

Figura 5



Fonte: <<https://www.facebook.com/JornalNacional/posts/2994532127303820>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Podemos observar, na figura 05, a presença de dados estatísticos para operar uma trágica situação diante à pandemia, “O Brasil atingiu, pela primeira vez, a marca de mil mortes em 24h”. Nas formações discursivas científicas, o número elevado de mortes por uma doença é algo preocupante, porém podemos notar, na materialidade, que há um sujeito presidente que rompe com essa construção sócio-histórica, opondo-se com efeitos de risos.

A memória que valida discursos em formações discursivas governamentais traz consigo sentidos de luto e solidariedade em situações trágicas, mas a materialidade acima produz efeito de ruptura dessa memória. Assim, há uma contrariedade de sentidos entre mil mortes em 24h e os risos que constituem o sujeito presidente. Além disso, na materialidade, há o atravessamento da contraindicação da ciência em defender o uso da

cloroquina, em que o sujeito presidente é afetado pelo discurso que apaga os valores científicos.

Também podemos observar uma oposição de uso de roupas, em que um sujeito que ocupa a posição de presidente se apresenta em um momento formal com roupas informais, diferentemente de seu aliado que está com roupa formal. Segundo Orlandi (2000), o sujeito já produz efeito pela posição que ocupa. Nesse sentido, Bolsonaro está tomado pela ruptura, visto que o uso de roupas informais em situações formais não é viável na construção histórica para um sujeito presidente.

O uso de emojis de tristeza e de raiva que constituem a materialidade produz efeitos de que os usuários da rede são afetados por ideologias contrárias às que constituem o presidente na forma de significar a pandemia. Diante de vários confrontos que constituem Bolsonaro e a OMS, há, na próxima materialidade, o atravessamento do discurso que retoma a uma memória governamental autoritarista.

Figura 6



Fonte: <<https://www.facebook.com/portalar7/posts/10158140656391638>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Após aproximadamente 3 meses da declaração de pandemia do Coronavírus e diante de vários confrontos com a Organização Mundial de Saúde, Bolsonaro é afetado pelo fato ocorrido nos EUA e retoma a uma memória governamental autoritarista, produzindo sentidos de ameaça de ruptura do Brasil com a OMS, o que gerou circulação de sentidos na mídia. Assim, há na materialidade, o atravessamento de sentidos que nos levam a considerar que existe um sujeito presidente que, mesmo diante da situação agravante que o país vivenciava com o número alto de contaminação e de mortes, ele se constitui da adversidade às determinações da instituição global de saúde.

Além disso, o sujeito presidente se constitui de formações discursivas contrárias com as quais se identificam os órgãos de saúde, pois mais uma vez ele se apresenta na mídia sem o uso de máscara. 2 meses depois desse conflito que afetava o sujeito na

posição de presidente e que contrariava as formações discursivas validadas pela OMS, outros efeitos de sentido se apresentam na mídia, como veremos na figura 07.

Figura 7



Fonte: <<https://www.facebook.com/portalar7/posts/10158385073361638>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Nesta materialidade, podemos observar que há uma contradição, visto que o sujeito inscrito na posição de presidente foi afetado por uma coisa (não usava máscara) e agora por outra (usa máscara). Além disso, a mídia leva a efeitos de sentido de contradição na discursividade “sempre defendeu o combate à pandemia junto com a economia”, mesmo diante de muitos conflitos com a OMS.

Há também o atravessamento de formações discursivas da saúde, mas relacionadas à economia, o que significa o presidente como um sujeito que se preocupa mais com a economia do país de que com a doença. Assim, Jair Bolsonaro se constitui de discursos que elevam a economia à Covid-19. Nesse sentido, Bolsonaro é significado

enquanto um sujeito que contraria a normalidade dentro da formação discursiva governamental de esquerda. Dando um avanço cronológico em situações sócio-discursivas que envolvem Jair Bolsonaro e a OMS, a próxima materialidade, já em um ano de pandemia, opera efeitos de preocupação por parte da OMS diante da situação do Brasil.

Figura 8



Fonte: <<https://www.facebook.com/portalar7/posts/10158897019501638>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Esta materialidade, publicada na mídia depois de um ano de pandemia no Brasil, compartilha a circulação de sentidos de que o país passa por situação caótica em relação à Covid-19. Na discursividade “OMS diz que Brasil precisa levar situação da pandemia muito a sério”, há o atravessamento de uma oposição de sentido entre a Organização Mundial de Saúde e o sujeito presidente ao significar o Brasil frente à pandemia, operando

efeitos de que os discursos que constituem o presidente vão de encontro às medidas restritivas cabíveis para o combate à doença e ao bem-estar da população.

Na imagem da vacina, há o atravessamento da formação discursiva da Ciência para criticar as atitudes que afetam o governo Bolsonaro frente à pandemia, posto que justamente no primeiro trimestre de 2021, houve conflitos na mídia entre ambos, como podemos ver numa reportagem do BBC NEWS Brasil (2021), a qual afirma que vacinas teriam salvado 95 mil vidas se governo Bolsonaro não tivesse ignorado ofertas, segundo o epidemiologista Pedro Hallal, da Universidade Federal de Pelotas (RS). Assim, Bolsonaro, mais uma vez, é afetado pela contraidentificação de discursos validados nas formações discursivas da ciência e da epidemiologia que defendem a necessidade de medidas restritivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisou discursos que operam sentido de confronto entre o sujeito presidente e a OMS no decorrer da Covid-19 no *Facebook*, verificando a forma como esses discursos significam a doença. À baila do dispositivo teórico da AD mobilizado na pesquisa, observamos que há uma contrariedade que constitui o sujeito presidente e a OMS na forma de significar a pandemia.

Jair Bolsonaro, que ocupa a posição de presidente, é interpelado pela ideologia que se contrapõe às formações discursivas da Ciência e da epidemiologia, pois é afetado pelo discurso da adversidade ao isolamento social que apaga os valores científico-sanitários, além de aparecer na mídia, muitas vezes, sem uso de máscara, como também cumprimentando as pessoas com aperto de mão, práticas essas não recomendadas pelos discursos que constituem os órgãos de saúde no decorrer da doença.

Assim, o sujeito que ocupa a posição de presidente é afetado pela contraposição de discursos circulados que estabelecem sentidos de medo e de restrição, o que produz efeitos de conflitos e de adversidade aos órgãos de saúde. Além disso, observamos que,

apesar de, em poucos momentos, o sujeito presidente se constituir, nas materialidades analisadas, de formações discursivas relacionadas à saúde, ele é afetado por discursos que estabelecem sentidos que elevam a economia e minimizam a doença.

Esse antagonismo que constitui o presidente rompe com uma memória que valida discursos em formações discursivas da ciência e da epidemiologia frente a uma pandemia, o que produz uma desregulação de sentidos preexistentes para a posição de presidente, pois, nas formações imaginárias, um sujeito inscrito nessa posição deve atender às recomendações de uma instituição global de saúde e criar medidas sanitárias para a não-propagação do vírus, assegurando o bem-estar de todos. Entretanto, as materialidades analisadas constroem um sujeito presidente que se constitui de formações ideológicas opostas à OMS na forma de significar a pandemia.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **G1**. Disponível em <<https://g1.globo.com/>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise de discurso no Brasil: um breve preâmbulo. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta. 2 ed. Rio de

Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook** – Os bastidores da história da empresa que conecta o mundo. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

MAGENTA, Matheus. Vacinas teriam salvado 95 mil vidas se governo Bolsonaro não tivesse ignorado ofertas, calcula pesquisador. **BBC NEWS**, 2021. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57286762>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2 ed. Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel.. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel.. Análise Automática do Discurso (1969). Trad. Eni Orlandi. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel.. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (Org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani.. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Universidade FEVALE, 2013.

Data de recebimento: 28/07/2022

Data de aprovação: 10/06/2023